



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**SAMANTHA TAVARES**

**A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA EXPERIÊNCIA DE INTERAÇÃO,  
CRIAÇÃO E IMAGINAÇÃO ENTRE O NARRADOR E O OUVINTE**

**FLORIANÓPOLIS – SC**  
**2014**



**SAMANTHA TAVARES**

**A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA EXPERIÊNCIA DE INTERAÇÃO,  
CRIAÇÃO E IMAGINAÇÃO ENTRE O NARRADOR E O OUVINTE**

**Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Graduação em Pedagogia da  
Universidade Federal de Santa Catarina como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Pedagogia.**

**Orientadora: Profa. Dra. Lilane Maria de  
Moura Chagas**

**FLORIANÓPOLIS - SC  
2014**

## **A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA EXPERIÊNCIA DE INTERAÇÃO, CRIAÇÃO E IMAGINAÇÃO ENTRE O NARRADOR E O OUVINTE**

Este trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, e aprovado em sua forma final pelo Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 01 de julho de 2014

---

Profa Dra. Maria Sylvia Carneiro

Coordenadora do Curso de Pedagogia

### **Banca Examinadora**

---

Profa Dra. Lilane Maria de Moura Chagas

Orientadora (MEN/CED/UFSC)

---

Profa Dra. Eliane Santana Dias Debus

Membro (MEN/CED/UFSC)

---

MSC Felícia de Oliveira Fleck

Membro (CED/UFSC)

---

Profa Dra. Simone Cintra

Suplente (MEN/CED/UFSC)

*"Te conto que me contaram  
que há contos pequeninos.  
E há também outros gigantes  
que conversam com a lua.  
Parece que eles têm mães,  
tecedeiras de outros tempos  
que enrolam suas memórias  
no tear do pensamento."*

*Gloria Kirinus*

## AGRADECIMENTOS

- *Primeiramente à Deus, que esteve sempre comigo, mesmo nos momentos mais difíceis senti sua presença, sendo meu amparo e refúgio...*
- *À minha mãe Marilene, pelo amor e educação. Por ser a minha constante inspiração. Por ter me ensinado a ser livre...*
- *Aos meus irmãos, por estarem sempre presentes em minha vida, pelo apoio e cumplicidade...*
- *Ao meu pai, que mesmo sem sua presença física está sempre em meu coração e pensamento...*
- *Ao meu companheiro Victor, pela paciência, pelo amor e por me fazer acreditar...*
- *À minha orientadora Lilane Maria de Moura Chagas, por estar comigo nessa trajetória, por me transmitir energias positivas, encantamento, ensinamentos e por ser o meu porto seguro nessa caminhada...*
- *Às narradoras de histórias, Aline Maciel, Gilka Girardello e Liliane Silva, pela rica contribuição que fizeram a este trabalho. Por simplesmente contarem histórias e seguirem encantando através dessa arte que tem tanto a acrescentar em nossas vidas...*
- *Às minhas amigas Kênia, Bárbara e Tayara pelas conversas, choros, descobertas e aprendizado compartilhado durante a graduação...*
- *À todos os professores que fizeram parte da minha trajetória escolar e universitária, pelas histórias narradas, por todas as contribuições, inspirações e conhecimento...*
- *Às crianças, pelo prazer de poder contribuir com o desenvolvimento de cada uma que passou ou que ainda vai passar por mim. Por escutarem minhas histórias e viajarem comigo por caminhos encantados. Por aprender com seus questionamentos e ensinamentos, pela afetividade, vivências, pelos sorrisos que iluminam os meus dias.*



## RESUMO

Neste trabalho buscou-se trazer um recorte do que contam os contadores de histórias na cidade de Florianópolis. Tratamos nesta pesquisa de realizar um levantamento no acervo, disponível online, da Biblioteca Universitária (BU) de teses, dissertações e monografias produzidas na área da educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC) no período 1988 a 2013. Pela consulta à BU foi possível encontrar 30 (trinta) trabalhos, a partir da palavra chave narração de histórias. Desses trabalhos, 21 (vinte e um) não abordavam a narração de histórias como foco, já que o nosso objetivo era compreender como são abordadas as relações entre narração de histórias, imaginação e criança. Sendo assim, fizemos um recorte, destacamos 7 (sete) dissertações que tinham como foco a narração de histórias, porém, desses 7 (sete) trabalhos, priorizamos 3 (três) do PPGE que abordavam a narração de histórias no contexto escolar. Assim, nossa pesquisa parte do que nos contam os contadores de histórias, especificamente sobre a arte de contar histórias para crianças. Posteriormente elaboramos um questionário para alguns contadores que realizam ações com a narração de histórias na cidade de Florianópolis visando ter a voz do contador sobre o tema. O que nos contam os contadores de histórias sobre esta arte? Especificamente sobre a arte de contar histórias para crianças? Como referencial teórico utilizou-se (Busatto (2006); Chagas (2006); Fleck (2009), Girardello (2007, 2011, 2014); Machado (2004); Matos (2005); Sisto (1991, 2001 e 2012), Vigotski (2009) que nos permitiram investigar os conceitos sobre a narração de histórias, a relação com a imaginação e atividade de narrar. Como resultado de nosso estudo constatou-se que a narração de histórias na escola é importante porque contribui para o desenvolvimento da atividade criadora. Sua presença auxilia as crianças a desenvolverem uma percepção estética, estimula o desenvolvimento da imaginação e ajuda a ter uma melhor compreensão de si mesmo e do mundo.

**Palavras Chaves:** Narração de histórias; Criança; Imaginação; Contador; Escola.

## RESUMEN

En este trabajo se ha procurado introducir un recorte de lo que cuentan los contadores de historias de la ciudad de Florianópolis. Tratamos a esta investigación de realizar un levantamiento en lo acervo, disponible online, de la Biblioteca Universitaria (BU) de tesis, disertaciones y monografías producidas en la área de educación en el Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC) en el período 1988-2013. A través de la consulta en BU fueron posibles encontrar 30 (treinta) trabajos, a partir de la palabra llave narración de historias. Dices trabajos, 21 (veintiún) no mencionaron la narración de historias como enfoque, ya que nuestro objetivo era comprender como son abordadas las relaciones entre la narración de historias, la imaginación y niño. Siendo así, hicimos un recorte, destacamos 7 (siete) disertaciones que tenía como enfoque la narración de historias, sin embargo, dices 7 (siete) trabajos, priorizamos 3 (tres) del PPGE que abordaban la narración de historias en el contexto escolar. Así, nuestra investigación parte del que nos cuentan los contadores de historias, específicamente sobre la arte de contar historias para niños. Posteriormente sentimos la necesidad de entrevistar algunos contadores que realizan acciones con la narración de historias en la ciudad de Florianópolis con el objetivo de tener la voz de los contadores sobre el tema. ¿Qué nos cuentan los contadores de historias acerca de esta arte? Específicamente acerca de la arte de contar historias para los niños? Como referencial teórico se utilizó (Busatto (2006); Chagas (2006), Fleck (2009), Girardello (2007, 2011, 2014), Machado (2004), Matos (2005); Sisto (1991, 2001 y 2012), Vigotsky (2009) que nos permitieron investigar los conceptos acerca de la narración de historias, la relación con la imaginación y la actividad de narrar. Como resultado de nuestro estudio se constató que la narración de historias en la escuela es importante porque contribuye al desarrollo de la actividad creativa Su presencia ayuda los niños a desarrollar una percepción estética, estimula el desarrollo de la imaginación y ayuda a tener una mejor comprensión de sí mismo y del mundo.

**Palabras Llaves:** Narración de historias; Niños; Imaginación; Contador; Escuela.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA CONSTITUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA HUMANA.....</b>	<b>14</b>
2.1. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NOS DIAS DE HOJE: UMA EXPERIÊNCIA DE VIVÊNCIAS IMAGINÁRIAS? .....	16
2.2. O SENTIDO DA NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO DA CRIANÇA .....	21
<b>3. OS NARRADORES DE HISTÓRIAS: O QUE A PESQUISA REVELA? .....</b>	<b>23</b>
3.1. OS NARRADORES DE HISTÓRIAS: O QUE NOS CONTAM SOBRE O ATO DE NARRAR .....	25
<b>4. O PROFESSOR NARRADOR E AS CONTRIBUIÇÕES DA NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA A EDUCAÇÃO .....</b>	<b>32</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>42</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>44</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Buscamos com esta pesquisa compreender alguns aspectos sobre o tema – narração de histórias. Tratamos neste trabalho de realizar um levantamento bibliográfico, no repositório online de teses, dissertações e monografias da Biblioteca Universitária (BU) produzidas na área da educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC) no período 1988 a 2013. Pela consulta à BU foi possível encontrar 30 (trinta) trabalhos, a partir da palavra chave narração de histórias. Desses trabalhos, 21 (vinte e um) não abordavam a narração de histórias no contexto escolar, já que o nosso objetivo era compreender como são abordadas as relações entre narração de histórias, imaginação e criança. Sendo assim, fizemos um recorte, destacamos 7 (sete) dissertações que tinham como foco a narração de histórias, porém, desses 7 (sete), priorizamos 2 do PPGE e 1 do PPGCI (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação) que abordavam a narração de histórias no contexto escolar. Nossa pesquisa parte do que nos contam os contadores de histórias, especificamente sobre a arte de contar histórias para crianças.

Posteriormente, sentimos a necessidade elaborar um questionário para saber sobre alguns contadores que realizam ações com a narração de histórias na cidade de Florianópolis visando ter a voz do contador sobre o tema. O que nos contam os contadores de histórias sobre esta arte? Especificamente sobre a arte de contar histórias para crianças?

O tema surgiu da necessidade de propor uma reflexão sobre a presença da narração de histórias nas escolas, considerando a importância da atuação do professor como um contador de histórias que busca alimentar a imaginação das crianças, possibilitando pelas experiências narrativas, novas vivências imaginárias. Através da arte de contar histórias o professor pode proporcionar às crianças momentos lúdicos de apropriação do conhecimento, através da oralidade de forma significativa, compreendendo que a imaginação é peça fundamental para a educação.

A formação dada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através das disciplinas Linguagem escrita e criança (MEN7130), de Literatura e Infância (MEN7132), Educação e Infância VI: Conhecimento, Jogo, Interação e Linguagens II (MEN7106), Língua Portuguesa e Ensino (MEN7133) aflorou

o desejo de pesquisar sobre a narração de histórias para crianças. Algumas dessas disciplinas foram ministradas por professoras que foram fundamentais para a escolha do tema deste trabalho: Eliane Debus, Gilka Girardello, Gizelle Kaminski Corso e Lilane Maria de Moura Chagas. Estas que simplesmente ao narrarem histórias em suas aulas, “plantaram sementes de amor” para essa pesquisa pela narração. Assim vários questionamentos surgiram neste percurso: Qual a importância de se trabalhar a narração de histórias na escola? Que tipo de histórias se utiliza? É preciso utilizar-se de livros? Qual o papel do professor ao contar uma história? Quais são as contribuições que a narração de histórias pode trazer para o imaginário da criança?

Dessa forma me encontrei repleta de dúvidas e em busca de respostas. A disciplina de Educação e Infância VII: Estágio na Educação Infantil (MEN7107) foi muito importante, pois a partir dela me deparei com uma instituição de educação infantil, estagiando com um grupo de crianças de três anos. Assim, no período de observação, pude voltar meu olhar para muitas coisas e não pude ignorar a forma com que era abordada a contação de histórias. Percebi que a professora lia livros para as crianças, e achei muito interessante sua forma de contar, porém, pude notar que elas não conseguiam concentrar-se naquele momento, elas simplesmente olhavam as imagens do livro e logo queriam conversar com o colega do lado ou pegar brinquedos para brincar e isso fazia com que a professora sentisse a necessidade de chamá-las novamente para a roda, chamando a atenção delas para as imagens do livro. Então refleti muito sobre isso, e assim mais questionamentos me fizeram continuar em busca de respostas: Qual a melhor forma de contar histórias para crianças? Imagens prontas colaboram com a imaginação das crianças?

A partir dessa experiência, pude relembrar dos momentos em que meu avô me contava histórias, ele contava histórias que havia vivenciado ou que alguém havia lhe contado. Lembro-me que eu sentava ao seu lado no sofá e pedia: -“Conta mais uma história Vô?” E ele então, buscava em sua memória mais uma bela história, recheada de mistérios e aventuras, daquelas em que eu nem piscava, viajando com ele, criando e imaginando de acordo com sua fala.

Assim, através de minhas experiências e descobertas, pude constatar que a narração de histórias precisa aguçar a imaginação e a criação da criança para ser significativa, pois, em alguns livros com imagens prontas da história, a criança, é

privada de imaginá-la e criá-la, pois já está vendo como ela é. Assim, em alguns momentos, o interesse e a interação da criança com a história diminuem.

O objetivo desta pesquisa é compreender a relação entre narração de histórias, imaginação e criança, e a importância desta para as crianças, e quais são as suas contribuições para o imaginário infantil, assim buscamos o que alguns contadores de histórias pensam sobre essa experiência de interação, entre o contador e o ouvinte. Nesse sentido, o estudo tem por objetivo principal evidenciar a importância do conhecimento contemplado através da palavra narrada, na performance do contador de histórias, e compreender principalmente, quais são as contribuições que a experiência da narração de histórias, pode trazer para os profissionais que atuam no contexto escolar a partir de experiências de interação, criação e imaginação.

Para o desenvolvimento deste estudo, explicitaremos aspectos relevantes acerca da contação de histórias. Assim, optamos por trazer alguns autores (Sisto (2012); Machado (2004); Maciel (2012); Girardello (2011; 2014)) que enfatizam sobre a necessidade da presença da contação de história nas instituições de educação, destacando a fundamental importância da atuação do professor como contador de histórias, e evidenciando que é através da contação de histórias que as crianças, podem vivenciar momentos de prazer, imaginação e curiosidade, possibilitando assim que elas viagem pelo encantado mundo da imaginação.

Ao longo deste trabalho nos deparamos com estudos (Sisto (2012); Girardello (2011)) que abordam a importância da voz do contador, mostrando que o professor, através de sua fala, e suas habilidades para contar histórias, tem o poder de fazer com que a criança desenvolva várias potencialidades, inclusive sua capacidade de ouvir. É principalmente pela voz que o professor é capaz de encantar as crianças para o mundo, explícito na narrativa.

Nessa trajetória como pesquisadora, pude compreender melhor, através da fala de alguns autores, como Sisto (2012) e Machado (2004) a relação entre quem conta e quem ouve durante a narração de histórias, percebendo essa relação como um diálogo entre eles e a história, uma conversa, capaz de aguçar cada um que dela participa gerando um potencial imaginativo que ultrapassa os limites da fala. Assim ao ouvir uma história, a criança consegue ir além, com sua imaginação ela conversa com as palavras que saem da boca do contador e confere-lhes vida e significação pessoal.

Em alguns momentos sentimos dificuldade em acessar o acervo de livros para a realização da pesquisa, pelo fato da greve dos servidores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) estar acontecendo, no primeiro semestre de 2014, a Biblioteca Universitária (BU) fechou as portas e isso dificultou o nosso desempenho. A princípio esta pesquisa seria feita também com os contadores de histórias da Barca dos Livros, mas o tempo da escrita do trabalho nos impossibilitou de seguirmos por este caminho. Destacamos também, nossa busca pelo acervo de teses e dissertações do Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte (NICA), por ser um núcleo em que a maioria dos pesquisadores dessa área está vinculada.

No primeiro capítulo desta pesquisa, encontram-se breves reflexões e diálogos com alguns autores que tem contribuído com o campo teórico para quem busca aprofundamento sobre o tema e para as formações dos contadores de histórias (quer sejam essas formações em formato de oficinas ou em cursos de poucas horas). Destacamos também alguns estudos (Chagas (2006); Benjamin (1994); Maciel (2012); Fleck (2009); Busatto (2006); Matos (2005); Girardello (2007) e Machado (2004)) que evidenciam a narração de histórias em suas pesquisas, assim como sua importância para o desenvolvimento imaginativo e criativo das crianças. A narração se destaca neste trabalho sob uma perspectiva de experiência de interação, um encontro que evita o “congelamento” da imaginação e possibilita o contato profundo da criança com a arte e com aquilo que não pode ser tocado, mas pode ser sentido e através da escuta pode ser “visto com a alma”.

No segundo capítulo, trazemos o que nos contam os narradores de histórias, através da análise de algumas dissertações do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE- UFSC) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação (PPGCI – UFSC), período (1988 a 2013) que enfatizam o tema da narração de histórias. Também trazemos a contribuição de três contadoras de histórias que contam sobre suas experiências e vivências pessoais com a narração de histórias para crianças. O recorte de apenas três foi o limite de tempo da própria pesquisa. No entanto, o critério para este recorte foi: um contador de história que atua na formação de professores e contadores de histórias; um contador que sem atuar como professor prepara espetáculos e conta histórias para as crianças e o terceiro é uma professora que tem como uma de suas atuações a roda de histórias na escola.

Chegando ao terceiro capítulo, apontamos as contribuições do professor como narrador na instituição de educação infantil. Abordando sobre a importância de proporcionar momentos de contação de histórias para as crianças de forma lúdica e criativa, dando oportunidade para que as crianças criem e recriem a partir da narração e também para que enriqueçam o seu repertório imaginativo.

Ao final desta caminhada nos deparamos com a profundidade de elementos que a narração de histórias carrega, em todo o seu contexto, do físico ao emocional. A narração propõe novas dimensões, pensando nas experiências que as crianças vivem ao terem a oportunidade de conviver e aprender através da narração de histórias.

## **2. A NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA CONSTITUIÇÃO DA EXPERIÊNCIA HUMANA**

Narrar histórias é uma atividade de origem muito antiga, tão antiga que não podemos especificar a data de seu surgimento. O contador de histórias dos tempos passados sempre contou histórias que sabia de memória e simplesmente encontrou quem o escutasse, em todo lugar, desde muito tempo, assim preservou-se a ideia básica de que quem conta, conserva a história para divulgar através das gerações, essa atividade que vem propiciando a troca de experiências e conhecimento entre os seres humanos.

Chagas (2006) em sua tese “A língua materna na primeira série do ensino fundamental: as narrativas como uma fonte da imaginação criadora”, destaca no capítulo (3.1) um autor muito estudado por aqueles que se voltam ao tema da narração de histórias. Este autor - Walter Benjamin - em um de seus textos clássicos “O Narrador” (1994) faz uma reflexão sobre a atividade da narração<sup>1</sup> e é nesse sentido que Chagas apresenta no capítulo referido uma das preocupações do autor nesse texto cujo foco é o “desaparecimento” da arte de narrar no tempo histórico em que Benjamin está analisando. Assim a “atividade de intercambiar experiências que parecia tão comum e segura estaria também desaparecendo”. (CHAGAS, 2006, p. 68-69).

---

<sup>1</sup> Cf. BENJAMIN, Walter. O Narrador. In *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas (v.1) 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Mas quais são as razões que levaram Benjamin, nesse texto específico sobre o narrador, a realizar essa afirmação? Não cabe aqui tecer e trazer o fio condutor de análise do autor nesse texto, até porque não constitui objeto de nossa investigação. Mas recorrer a ele como um clássico para a atividade de narração é buscar o sentido que se atribui ao ato tão importante para o ser humano, o ato de narrar. E que este ato foi se constituindo historicamente e que dependendo da organização social, ele é mais ou menos valorizado.

Chagas, baseando em sua compreensão do texto de Benjamin afirma que:

A arte de contar torna-se cada vez mais rara porque ela parte fundamentalmente da transmissão de uma experiência no sentido pleno, cujas condições de realização, ficam afetadas com o aparecimento das novas formas de relação na sociedade capitalista. Tanto o narrador quanto o ouvinte tem como ponto comum a experiência transmitida pelo relato. Para tanto, há como pressuposto uma comunidade de vida e de discurso que o rápido desenvolvimento e complexificações das relações sociais e da técnica foram mudando (CHAGAS, 2006, p. 69).

Chagas, chama atenção para a forma de organização da sociedade em que vivemos, em que não são dadas as condições para se ter nas formas “tradicionais” comunidades de narrador e de ouvintes. Mas há uma necessidade humana de narrar o vivido, de compreender as relações humanas, as emoções, os grandes temas da humanidade como o amor, a morte, o ódio, as ambições, as conquistas do homem - esse ser genérico-. Por isso, há necessidade de se encontrar formas e meios de ir superando as contradições de seu tempo histórico e ao mesmo tempo conservar e manter vivas as histórias (sejam narrativas de tradição oral, sejam narrativas produzidas nos tempos modernos).

Chagas que explicita que a arte de narrar para Benjamin é a de que:

aquele que conta transmite um saber, uma sapiência. Pode-se afirmar que a faculdade de intercambiar experiências, tem em si um para si, ou seja, lhe está subjacente um ensinamento, um conselho – seja esse uma sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – que seus ouvintes podem receber com proveito. O conselho não consiste em intervir do exterior na vida de outrem, como interpretamos muitas vezes, mas em fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Narrador e ouvinte então dentro de um mesmo fluxo narrativo comum e, sobretudo vivo, pois a história é contínua, aberta e com possibilidades do “fazer junto”.

Se a degradação da experiência e o depauperamento da arte de contar estão concomitantemente acontecendo no desenvolvimento do capital, ocorre, conseqüentemente, o declínio de uma tradição e de uma memória comum que

garantiam a existência de uma experiência coletiva, ligada a um trabalho e um tempo partilhado, em um mesmo universo de prática e de linguagem. A narrativa tradicional se banaliza nesse sistema.

Compreender o laço que Benjamin estabelece entre o desvanecimento da existência de uma experiência coletiva e o da arte de contar é compreender que por detrás da obra de Benjamin está implícita a ideia de que uma reconstrução da experiência deveria ser acompanhada de uma nova forma de narratividade (Chagas, 2006, p.71-72).

Sendo assim, tão complexa e ao mesmo tempo tão constitutiva do humano a arte de narrar histórias é que ainda destacamos a compreensão de Chagas que considera que:

a arte narrativa implica um trabalho mais elaborado com a linguagem, com a imaginação criadora, e potencializadora de aspectos que superam a mera informação. A narrativa requer um tempo mais extenso, um trabalho mais consciente com a palavra, mais imagens produzidas, tanto por quem escuta como por quem narra. O tempo da narração contradiz a velocidade que imprimir a informação. Por isso também, acreditamos que a possibilidade de comunicar as experiências acumuladas por muitas gerações tem a ver, também entre outras formas, com esse tipo de comunicação.

Buscar compreender assim, outras formas e meios de narrar histórias é que foi se constituindo nosso objeto de estudo nesta pesquisa. Há muitos trabalhos e iniciativas de alguns grupos que se dedicam a arte narrativa. Há muitos trabalhos significativos de grupos em biblioteca, escolas, hospitais e alguns espaços culturais. Como por exemplo, em Florianópolis (SC) podemos citar: Cursos de Formação de Contadores de Histórias do Sesc/SC; Oficina Permanente de Narração de Histórias da UFSC, sob a coordenação da professora Dra. Gilka Girardello; Curso de Contadores de Histórias do NETI - Núcleo de Estudos da Terceira Idade da UFSC, Sarau de histórias no Espaço da Biblioteca Comunitária Barca dos Livros, entre outros.

## **2.1. A ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NOS DIAS DE HOJE: UMA EXPERIÊNCIA DE VIVÊNCIAS IMAGINÁRIAS?**

E nos dias de hoje, como afirma Maciel (2012) o contador de histórias é:

um herdeiro dessa cultura milenar e assume o compromisso de manter a tradição e levar a todo o canto histórias e encantamento. Além disso, o trabalho do contador de histórias envolve leitura, pesquisa, aprimoramento de técnicas, promoção e difusão da cultura, da leitura, da educação e da cidadania. (MACIEL, 2012, p. 13).

Neste sentido, podemos ainda destacar que:

Resgatar as narrativas, compreender seus nexos, seu processo de transformação, seus desdobramentos como uma atividade fundamentalmente humana, e inerente a nossa genericidade, ajuda a encontrar os aspectos e as circunstâncias que possibilitam compreender e explicar o por quê essas atividades foram mudando na complexificação das relações e adquirindo novas “fisionomias”.(CHAGAS, 2006, p. 75).

Neste contexto, trazemos também as palavras de Fleck (2009), que mostra o contador de histórias como:

autor de seu próprio caminho por meio das histórias que conta. Nesse sentido, o contador parece utilizar-se das histórias para expressar aquilo que é e aquilo em que ele acredita. As histórias podem ser trampolins para que crenças e valores – tanto universais quanto particulares - sejam partilhados. (FLECK, 2009, p. 40).

As narrações de histórias são apreciadas como uma forma de arte, arte esta que resgata o lúdico, a fantasia, a emoção e a imaginação, e com isso une pessoas para encantar através da palavra narrada. Quando se conta uma história, involuntariamente abre-se espaço para o pensamento mágico, a fantasia, onde as imagens da história resultam das palavras, do gesto corporal, da expressividade e principalmente da emoção de quem a conta. Dessa forma, a história narrada provoca a criação imaginária de vários momentos e sensações.

Proporcionando ao ouvinte uma vivência imaginária por meio da história, o contador está possibilitando o enriquecimento de sua mente com novas experiências, reproduzindo ideias já existentes em sua imaginação e também criando novas. Pois conhecer uma história contada como uma vivência prazerosa, pode causar no ouvinte o interesse de viver outros momentos de imaginação e criação, através da história contada.

Sisto (2012) nos traz um pouco sobre a importância de não confundir o ler com o contar, enfatizando que: “O contador de histórias é aquele que conta histórias! Confusão comum é pensar que o contador de histórias é aquele que lê uma história diante de uma plateia” (SISTO, 2012, p. 57).

A arte de contar histórias, por ser expressa pelos contadores, é manifestada de variadas formas, cada contador apresenta em sua atuação características próprias, presentes em sua voz, gestualidade, expressão, emoção e principalmente intenção. A intencionalidade é um elemento fundamental na experiência da narração, é o que move

e dá sentido à história, fazendo com que uma mesma história seja contada de diversas formas, trazendo a identidade de cada contador. Neste sentido Maciel (2012) afirma que “Mesmo o próprio contador conta uma história de diversas maneiras, dependendo do público, da finalidade da narração, de fatores externos, do seu estado de espírito”. (MACIEL, 2012, p. 16).

Assim, podemos dizer que cada narrador manifesta essa arte de um jeito, usando determinados recursos, ou simplesmente usando apenas seu próprio corpo. Através das palavras de Busatto (2006) podemos perceber as diferentes formas de manifestação da arte de contar histórias.

Vêm vestidos de vermelho, azul e amarelo; fitas coloridas penduradas pelo corpo; vêm com jeito de palhaço ou de princesa; outros vestidos de si próprio. Alguns trazem consigo instrumentos sonoros, músicos e cantores; outros são eles próprios músicos e cantores; alguns portam malas, bonecos, fantoches, panos, chapéus, tapetes, bonés, caixas de fósforo, mímica, humor; outros nada trazem, apenas vão chegando, contando, cantando, deixando leitura, múltiplas leituras aos seus ouvintes hipnotizados (BUSATTO, 2006, p. 26).

Neste sentido, é importante ressaltar que o ato de contar histórias constitui uma experiência única e renovada constantemente, pois mesmo que a mesma história seja narrada diversas vezes, trata-se de uma enunciação nova marcada pelo tempo presente e pela cumplicidade entre contadores e ouvintes. Podemos dizer que, a cada apresentação, o contador nos conta uma história diferente. No entanto, convém destacar que esse momento único torna-se uma experiência coletiva sempre que o contador se doa de corpo, gestos e voz para dar vida às narrativas. O indivíduo que participa da contação é cúmplice do contador, pois está testemunhando o momento, vivenciando a história e participando ativamente, através do imaginário.

Viver experiências imaginárias é fundamental para o desenvolvimento integral do ser humano, visto que ela proporciona meios para que se desenvolva a autonomia, a criatividade, nos traz novas informações e possibilidades para o amadurecimento das emoções. Matos (2005) nos traz uma definição acerca da imaginação no contexto da contação de histórias.

O termo imaginação designa grosseiramente a faculdade pela qual o homem é capaz de reproduzir – em si mesmo ou projetando fora de si – as imagens armazenadas em sua memória (imaginação dita “reprodutora”), e de criar as imagens novas que se materializam (ou

não) nas palavras, nos textos, nos gestos, nos objetos, nas obras etc. (MATOS, 2005, p.25).

É dessa imaginação que estamos falando, essa que constrói imagens na mente tanto do contador como do ouvinte, durante uma contação de histórias. A imaginação, assim, permite que criemos imagens, com base nas nossas experiências, ou seja, cada ouvinte ao receber a fala do narrador, imagina e cria de acordo com suas vivências. Assim, as transformações que a narrativa realiza se efetivam no imaginário.

Partindo da ideia de que a imaginação e a fantasia são bases para um pensamento criador, e percebendo a arte de contar histórias como referência de criação de espaços de encantamento, podemos refletir quanto ao fato de que o desenvolvimento humano passa pelo crescimento emocional e pelo estabelecimento de regras de convivência.

Assim, este estudo nos leva a crer que a arte de contar e ouvir histórias está mais viva do que nunca. O prazer e o aprendizado do contato com as histórias através da narração oral do contador nunca será substituído. E como relata Girardello (2007), a melhor forma de sentir que a história está encarnada em nós, como contadores, é:

através da interação: no contar e recontar histórias para crianças, deixando emergir aos poucos nossa própria cultura, intencionalidade e motivação, através de nosso corpo, de nossa própria voz. (GIRARDELLO, 2007, p. 45).

Essa interação entre o contador e o ouvinte, pode ser percebida a partir do momento em que a história inicia, e assim nos transportamos para dentro dela. Sem saber exatamente onde se situa essa experiência do “era uma vez”, podemos dizer que ao ouvir uma história, experimentamos uma vivência imaginária singular, uma vivência além do tempo da história cotidiana, que faz muito sentido no domínio imaginário. Com essa linha de pensamento, Machado (2004) explica com clareza que, quando experimentamos estar dentro de uma história, experimentamos a:

integridade individual de alguém que não está nem no passado nem no futuro, mas no instante do agora onde encontro em mim não o que fui ou o que serei, mas a minha inteireza no lugar onde a norma e a regra – enquanto coerção da exterioridade do mundo – não chegam. (MACHADO, 2004, p. 24).

Dessa forma, analisando e observando o movimento da narração de histórias como uma arte que potencializa a capacidade imaginativa e criadora dos seres humanos, podemos dizer que a imaginação é a base para toda atividade de criação, e a cada experiência que vivemos nossa imaginação se amplia, sendo capaz de criar novos pensamentos e possibilidades.

Chagas (2006), destaca que “a narrativa adota um ritmo singular que manifesta os acontecimentos, as ações, as emoções, as esperanças encarnadas na vida e nos atos dos seres humanos” (CHAGAS, 2006, p. 56). A partir dessa fala, podemos dizer então, que a narração é uma forma de comunicação, que está ligada aos acontecimentos da vida humana, mesmo que indiretamente, narramos histórias que vivemos ou presenciamos em nosso cotidiano. É dessa forma que surge o prazer, diante da narração, pois quando escolhemos uma história para contar, quando temos a necessidade compartilhar oralmente um momento que nos tocou de forma especial, estamos falando de nós mesmos, de nossas emoções e esperanças, e é isso que faz da história narrada, uma atividade que inaugura outro tempo, um tempo de encanto e magia, onde tudo é possível e tem significado na boca de quem conta e principalmente nos ouvidos de quem ouve.

Dessa forma, podemos acrescentar, como muito bem disse Chagas (2006) que:

aquele que narra explicará a ação de uma forma interessante; isso significa que colocará elementos que rompem com o “dizer algo apenas por dizer”. Procurará narrar de maneira a acrescentar-lhe um “algo especial”, uma emoção a mais, dando-lhe cores mais fortes, buscando provocar no ouvinte uma reação também significativa. (CHAGAS, 2006)

Neste sentido a narrativa entra não apenas como fundamental para a nossa própria constituição como seres humanos mas também como seres sociais, na relação com o outro agimos no mundo, o transformamos e somos transformados por ele. Com as histórias contadas e vividas, trazendo mais sentido e significado às nossas vidas em todos os sentidos.

Com isso, percebemos a necessidade de se contar histórias, de sentar em roda e se permitir imaginar, partilhar e celebrar um momento tão belo, um encontro que permite a troca de olhares e conhecimento, inaugurando outro tempo, outro mundo,

onde podemos enxergar o que no ritmo frenético de uma sociedade individualista nem sempre conseguimos perceber.

## **2.2. O SENTIDO DA NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO DA CRIANÇA**

Vigotski (2009), em seu livro *Imaginação e Criação na Infância: ensaio psicológico*, apresenta valiosas contribuições acerca da imaginação e da criação na infância e chega a uma “conclusão pedagógica”, onde ele diz que se ampliarmos a experiência da criança, suas possibilidades de criação serão bem maiores, pois, sua imaginação será mais significativa e produtiva. O autor nos chama a atenção para a força que tem a “imagem em ação” e a realidade da sensação por ela provocada. Dessa maneira o autor nos leva a refletir sobre o caráter ativo e criativo das crianças, que em suas brincadeiras reproduzem muito do que já viram e ouviram. Assim podemos ressaltar que ao vivenciar uma experiência de narração de histórias a criança faz uma reelaboração criativa de impressões já vivenciadas.

Com esse pensamento podemos trazer as palavras de Girardello (2011), onde destaca que a imaginação é para a criança:

um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não. A imaginação da criança move-se junto – comove-se – com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidade da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta a voz que conta ou escuta, o cotidiano que aceita. (GIRARDELLO, 2011, p. 76).

Assim, podemos compreender o quanto a experiência imaginativa é fundamental para o desenvolvimento da criança em seu processo integral de conhecimento de si mesma e do mundo. Nesse contexto a mediação dos adultos presentes no cotidiano em que a criança vive, é um fator que influencia muito e faz diferença na qualidade da imaginação dos pequenos. E dessa forma, a atividade de narração de histórias entra como um espaço de inúmeras possibilidades imaginativas, pois as histórias permitem um exercício constante da imaginação em seu aspecto mais visual. Neste sentido, as histórias narradas sugerem ilustrações e auxiliam os pequenos à uma viagem imaginária,

pois tem a capacidade de sugerir imagens mentais e essa é uma das qualidades mais importantes da narrativa.

Nesta linha de pensamento, afirmamos que, contar histórias para crianças é permitir que elas se encontrem no mundo e se expressem nele, de forma criativa e crítica, é possibilitar que compreendam sua existência. A partir de experiências com narração de histórias a criança percebe, mesmo que involuntariamente, seus sentimentos e expectativas diante do mundo e das relações que possui.

Neste contexto, as imagens que as crianças vislumbram através da história narrada pelo professor/contador, respeitam a sequência e os pequenos detalhes da história, contribuindo na organização do pensamento e das imagens mentais que a criança tem. Dessa forma, a história possibilita que a criança tenha nesse instante um momento de autoria, pois como afirma Sisto (2012) ao imaginar a história, a criança torna-se coautora do texto, pois constrói através de ilustrações e da vivência das emoções.

É desta forma que acreditamos na narração de histórias, como formadora de imagens mentais, pois como abordamos anteriormente, a partir do que ouve, a criança vive um processo de significação, dando sentido à fala do narrador e criando durante a narração.

Sendo assim, quanto maior for o contato da criança com histórias narradas, maior será o seu repertório de criação e recriação de imagens e conseqüentemente de significação e interpretação individual de mundo, neste sentido, ela estará vivenciando um processo de aprendizagem interno. Neste sentido, como afirma Regina Machado (2004) ao ouvirmos, contarmos ou lermos uma história, entramos em contato com uma variedade de imagens que compõem o nosso repertório individual, dando forma e sentido às coisas do mundo.

Podemos entender que é a partir do momento que conseguimos dar forma e sentido para as coisas do mundo, que conquistamos a capacidade de criar e recriar através dessas coisas, de forma significativa, pois criar é basicamente dar forma a algo novo, algo que compreendemos à pouco. E que assim podemos a partir do ato criador, relacionar aprendizados e significá-los de outra forma.

Neste sentido, a experiência com a narração de histórias pode ser para alguns algo semelhante com o que Regina Machado (2004) chama de “virar o olho”, no sentido

de olhar para dentro de nós mesmos e para a nossa própria imaginação, e como diz Sergio Bello (2005) para os contadores de histórias “a lembrança de um olhar que nos atravessa e se perde, mergulhado na escuta, é uma imagem recorrente.” (BELLO, 2004, p. 54).

Dessa forma, quando ao contar uma história nos deparamos com esse olhar enfeitiçado da criança, podemos ter a certeza de que ela está inaugurando um tempo muito distante dali, criando e recriando através desse momento mágico.

### **3. OS NARRADORES DE HISTÓRIAS: O QUE A PESQUISA REVELA?**

Com a intenção de compreender mais sobre a narração de histórias, analisamos algumas dissertações, que possuem o foco neste assunto, realizadas no PPGE e PPGCI da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), buscando dialogar com alguns dos autores estudados que destacam a narração de histórias, como um momento de encontro e fonte de imaginação.

Felicia Fleck (2009) elaborou uma dissertação intitulada “A profissionalização do contador de histórias contemporâneo”, em que discorre sobre o reaparecimento do contador de histórias, em sua configuração contemporânea, buscando entender como eles compreendem a profissionalização do que fazem, ou seja, da narração de histórias. Essa pesquisa abarcou contadores de histórias brasileiros, que fazem da contação uma atividade remunerada. A autora aborda ainda que, nos tempos atuais as pessoas sentem falta de encontros com outras pessoas, troca, partilha, pois com a tecnologia avançada tudo acontece de forma imediata e as pessoas não se sentem capazes de acompanhar as transformações que ocorrentes na sociedade.

Fleck (2009) aponta que:

Contar histórias, dando vazão às necessidades de comunicação, traduzindo por meio de palavras, acontecimentos cotidianos, memórias, angústias, alegrias e prazeres da existência, é uma das maneiras de vivenciar esse encontro. (p. 10).

Dessa forma podemos perceber a importância da narração de histórias, que é fundamentalmente um encontro, um diálogo que permite tanto à quem conta quanto à quem ouve uma maior apropriação de sua história. É um momento de encontro,

também, consigo mesmo, com suas vontades, emoções, anseios, enfim suas particularidades, momento de significar a sua própria história.

Portanto, sabendo que cada experiência é única e individual, podemos dizer que o que faz com que consigamos dar sentido à experiência da narração de histórias é a forma com que cada um interpreta o que ouve, imagina e tira conclusões, de acordo, também, com suas vivências anteriores.

Sendo assim, durante seu desenvolvimento, as histórias criam vida na imaginação, pois aquele que ouve, associa a imagens mentais as palavras que vão sendo narradas.

Janaina Umbelino (2005) produziu uma dissertação intitulada: “A narração de histórias no espaço escolar: a experiência do Pró-Leitura”, em que aborda aspectos da narração de histórias em um contexto em que ela é praticada de forma institucionalizada em uma escola, compondo o quadro de disciplinas.

Segundo Umbelino (2005) quando se discute a narração de histórias entre professores, a primeira referência é a importância desta para a imaginação, através da ampliação do repertório de imagens. Dessa forma ela afirma que, na sociedade contemporânea:

a imagem está muito presente e muitas vezes inserida em um contexto de consumo e reprodução; assim, a narração de histórias vem como um recurso que permite uma maior autonomia na formação das próprias imagens, imagens essas que podemos chamar de subjetivas, por serem produção individual do sujeito, no plano do pensamento e não da realidade física. (UMBELINO, 2005, p. 15).

Sergio Bello (2004) produziu uma pesquisa sobre o tema intitulando: “Quem conta um conto: a narração de histórias na escola e suas implicações pedagógicas”. Em seu trabalho, Bello, procura fundamentar teoricamente a prática da narração de histórias na escola. Apoiando-se em um estudo bibliográfico e em depoimentos de seis educadores que se utilizam desta prática. Assim, Bello discorre sobre a imaginação, destacando a importância da narração oral para a ampliação do repertório de imagens tanto de quem conta quanto de quem ouve a história. Dessa forma trazemos aqui suas palavras, ao dizer que quando um grupo de pessoas:

de qualquer idade, escuta uma história, as imagens mentais construídas por cada ouvinte, e pelo próprio narrador, são únicas.

*Era uma bruxa muito feia! Seus cabelos, duros de sujeira. Uns dentes tortos, escuros e falhados, um enorme nariz com uma verruga cabeluda na ponta, e vestia uma roupa preta meio sebosa...*

A esta descrição, numa narração oral, uma infinidade de outros detalhes vão somar-se para que o ouvinte componha a imagem da “sua” bruxa na imaginação, fenômeno, aliás, similar ao da leitura de um livro sem gravuras. (BELLO, 2004, p. 55).

A partir disso, podemos dizer que a fala do contador de histórias traz os detalhes necessários para que o sujeito crie sua própria versão da história que está ouvindo, por isso cada vez que alguém escuta uma história, as imagens mentais que cria naquele instante, são únicas.

### **3.1. OS NARRADORES DE HISTÓRIAS: O QUE NOS CONTAM SOBRE O ATO DE NARRAR**

Com a intenção de obter uma maior compreensão sobre o tema aqui abordado, e com a vontade de aprofundar nosso conhecimento sobre o que contam os contadores de histórias, trazemos uma enriquecedora contribuição de três contadoras de histórias que tem uma experiência na cidade de Florianópolis e que foram selecionadas segundo o critério de se obter um recorte da experiência com a narração de histórias. Assim constituímos os seguintes critérios:

- 1) Contadora/formadora;
- 2) Contadora/professora de crianças que constitui rodas de histórias como um espaço que deve ser preparado e cultivado na escola.
- 3) Contadora que prepara espetáculos para crianças de toda idade e apresenta em escolas, bibliotecas e espaços diversos.

Visando contemplar o primeiro critério, a contadora entrevistada foi Gilka Girardello<sup>2</sup>, é uma pioneira nos cursos de formação e Oficina para contadores de Histórias na cidade de Florianópolis. Costuma contar histórias em escolas e espaços culturais, em oficinas de formação e na formação do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Atendendo ao segundo critério, a contadora de histórias entrevistada foi Liliane Alves da Silva<sup>3</sup>, conta histórias no Colégio de Aplicação, onde é professora efetiva desde 2011 e também na Barca dos Livros (Biblioteca Comunitária na cidade de Florianópolis), nos Saraus organizado por essa Biblioteca e nos passeios de barco- uma das atividades também da Biblioteca em que o foco é a narração de histórias para todas as famílias.

---

<sup>2</sup>Graduação em Comunicação e em Letras-Português (parcial), Mestrado interdisciplinar em Ciências Humanas, Doutorado em Comunicação, pós-doutorado em Educação.

<sup>3</sup>Graduação em Pedagogia, pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC).

E finalmente, atendendo ao nosso terceiro critério, entrevistamos Aline Maciel<sup>4</sup>, que é integrante da Cia Mafagafos de contadores de histórias. Como membro da Cia Mafagafos, Aline conta histórias em escolas, bibliotecas, livrarias, festivais e encontros de contadores, pontos de cultura, feiras de livro e outros eventos destinados ao público infantil, juvenil e adulto.

#### **a) SOBRE A PRESENÇA DA NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS NA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL**

Pelo diálogo com as três narradoras de histórias, pudemos atingir um de nossos objetivos desta pesquisa e obter um conhecimento mais amplo do assunto.

Foram quatro questões elaboradas para cada uma delas. Assim destacamos:

- a) Sobre a presença da narração de histórias na vida pessoal e profissional;
- b) Sobre a experiência de narrar para crianças;
- c) Sobre a importância da narração para a imaginação e criação da criança;
- d) Sobre a constituição de ser um bom contador(a) de histórias.

Segundo Gilka Girardello,

A importância é absoluta, não consigo imaginar minha vida sem ler, ouvir e contar histórias. As histórias são viagens, são uma coisa que amplia a vida da gente. Adoro ouvir outras pessoas contando, inclusive pessoas que apenas contam coisas que lhes aconteceram,

experiências reais, só para sentir com elas as emoções que elas estão compartilhando. É como uma carona que a gente pega na experiência do outro, que acaba virando uma experiência para a gente também, que amplia o nosso mundo. Não vivo sem literatura de ficção, sem cinema de ficção, sou viciada em histórias desde que era criança bem pequena. E é claro que me encanto especialmente por ouvir histórias contadas oralmente por pessoas que têm o cuidado estético, com a poesia da linguagem. Acho fantástico ver o quanto se pode conseguir de efeito expressivo só com os recursos minimalistas da voz, do gesto, do olhar. E contar histórias é só um outro jeito de percorrer as paisagens de um conto que se ama, com a emoção especial de percorrê-las junto com os outros, sejam adultos ou crianças.

---

<sup>4</sup>Mestre em Letras Inglês e Literatura pela UFSC.

Para Liliane da Silva,

No contexto em que conto histórias, a Escola, observei durante meu percurso como contadora que, com essa prática, é possível, junto à criança, enriquecer sua expressão oral e escrita, desenvolver seu interesse pela leitura, sua criatividade, sua capacidade e riqueza imaginativa. Bem como ampliar seu repertório de vocabulário e possibilitar o contato com outras culturas e diferentes concepções de mundo. Além disso, observei que os vínculos construídos a partir da "Roda de Histórias", espaço construído para ouvir e contar histórias, nos permite uma relação mais próxima, afetiva e humana. O que contribui para o processo educativo. A configuração deste espaço, que envolve cinco turmas e cinco professoras, potencializa a interação entre os professores, constituindo-se como espaço de formação e trocas. Aos poucos o grupo de adultos e crianças que contam histórias foi se ampliando, pois todos sentem-se seduzidos à embarcarem na aventura da narração oral.

E para Aline Maciel,

Contar histórias é uma atividade artística e lúdica destinada aos públicos de todas as idades. A história contada desenvolve a imaginação, a atenção e o raciocínio, desperta o interesse pela literatura, promove a socialização e os sorrisos. A contação de histórias não deve ter a pretensão de ensinar ou formar as crianças. Deve ser uma diversão, tanto para quem conta quanto para quem ouve.

O que podemos compreender sobre o significado e sentido da contação de histórias a partir do que os próprios contadores contam? Percebemos que nos três depoimentos há um valor atribuído a atividade de narrar. Os contadores revelam o que já foi mencionado no primeiro item deste trabalho, ou seja: que a atividade narrativa é constitutiva do humano e ela torna o Ser mais humano “[...] não consigo imaginar minha vida sem ler, ouvir e contar história”, afirma Girardello.

Também é destacado como ponto comum a concepção da narração histórias:

- Como viagem;
- Como ampliação da vida;
- Como experiências compartilhadas, vividas, cheias de emoções;
- Como partilha.

Os contadores revelam também que a experiência de ouvir/contar histórias é uma experiência que enriquece diversos aspectos importantes para tornar o ser humano mais humano e produtor de cultura, aspectos:

- Estético;
- Lúdico;
- Da imaginação criadora;
- Da poesia da palavra (expressada oralmente ou escrita);
- Da leitura ampliada;
- Do contato com outras culturas e diferentes concepções de mundo.

## **b) SOBRE A EXPERIÊNCIA EM CONTAR HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS**

Segundo Gilka Girardello,

É muito lúdica. Gosto de brincar com as crianças, acho que brincar é das melhores coisas da vida. E contar histórias pra crianças é um jeito de brincar com elas, de fazer passarinhos saírem da cartola pra elas verem, de jogar uma bola pra elas pegarem e jogarem de volta, e vê-las rir, arregalar os olhos de espanto, gritar de surpresa. O que mais me interessa no encontro narrativo com as crianças é o componente de jogo, de abertura para o inesperado, para a alegria tão plena que as

crianças trazem para esse jogo. Contar para crianças é o melhor exercício pra se ficar presente, perto do frescor de uma história e da verdade do contar, já que elas só ficam atentas se a gente estiver totalmente entregue ao jogo e se a história tiver alguma coisa de especial - seja sua graça, seu ritmo, a força das suas imagens, de duas emoções, a engenhosidade e a surpresa de seu enredo ou a profundidade dos dilemas que ela traz e que as crianças captam perfeitamente.

Liliane Silva diz que,

É um momento em que me entrego completamente. A troca que acontece, entre eu e as crianças quando conto histórias, me fortalece e me impulsiona para continuar contando. Na "Roda de Histórias", inauguramos um outro espaço e tempo, muito diferente do espaço e tempo da escola em seu cotidiano, em que a correria e os atropelos não nos possibilitam uma troca de olhar, um gesto de aconchego, um sorriso acolhedor. Na "Roda de Histórias", nos damos conta que tudo é possível, e quando voltamos para sala de aula temos mais criatividade, persistência, condições de enfrentar os desafios.

Aline Maciel no relata que,

Contar histórias para crianças é sempre muito prazeroso. Elas são curiosas, atentas e sinceras. Cada apresentação é uma experiência diferente, pois varia muito de acordo com o ambiente e com o público, pois as crianças se comportam de maneiras distintas. Com os pais ou professores; em um ambiente desconhecido ou não; em ambientes abertos ou fechados; se estão no mesmo espaço com crianças de sua faixa etária ou de faixas-etárias diferentes; se costumam ouvir histórias, etc. Tudo isso nós levamos em consideração e procuramos saber antes de iniciar e preparar a apresentação.

Podemos verificar que o aspecto lúdico é muito enfatizado nas vozes dos contadores. A contação de histórias como um jeito de brincar com as crianças. Brincar com a imaginação, com as palavras, com os ritmos, com a criação de objetos e coisas, lugares e de inventar os tempos. E nessa brincadeira que o encontro, o diálogo, a troca com o outro se realiza.

E assim se conhece também um pouco mais sobre a criança real que revela seus gostos, suas emoções, seus dilemas, suas curiosidades, suas verdades. Esta criança que vai escutar a história, não importando se uma ou dezenas, deve ser levada em consideração e a preparação do espaço e da história tem que acontecer para ela - criança real que se busca conhecer.

Uma voz que também ecoa nas falas dos contadores é sobre a entrega nesse momento em que se conta uma história. O estar presente no momento presente. Eles falam que esse momento é repleto de entrega. E este aspecto é muito importante de se compreender.

### **c) A CONTRIBUIÇÃO DA NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO IMAGINÁRIO DAS CRIANÇAS**

Nas palavras de Gilka Girardello,

Contar histórias é uma das melhores formas de animar a imaginação das crianças, de ajudá-las a exercitar as asas da fantasia delas, a sua abertura às coisas novas, à flexibilidade da sua capacidade de criar hipóteses, de aguardar curiosas o que virá. O exercício de ver um dragão alado soltar fogo pela boca, ou uma menina escorregar no arco-íris, só por ouvir alguém dizer essas palavras, é parecido com o de imaginar as cenas de uma história que se lê. Assim, as narrativas orais são irmãs das narrativas literárias que estão nos livros, uma dá força à outra e as duas vivem do poder da capacidade de imaginar a partir das palavras, que é uma das maravilhas da condição humana.

Segundo Liliane Silva,

Para mim a contação de histórias estimula a imaginação, possibilita à criança conhecer outros lugares, personagens e mundos. Ao ouvir uma história ela pode ser transportada para um mundo de fantasias onde tudo é possível. Quanto mais isso for exercitado, mais condições e facilidade ela terá para criar imagens, a partir do que está sendo narrado. Por isso sempre prefiro as histórias sem livro ou ilustração, isso possibilita cada criança criar os seus personagens, heróis, reis, rainhas, princesas, lugares, castelos, florestas, de acordo com sua vontade, criatividade e experiência... Quanto mais ouvir histórias, e é claro que falo aqui das histórias que não entregam tudo pronto para a criança, mais ela desenvolve habilidades cognitivas que facilitam o ato de criar, mais ela vai adquirindo a habilidade de viajar por um mundo criado pela sua imaginação, guiada pela voz do contador. Acredito que a diversidade de histórias ampliam seu repertório possibilitando uma construção narrativa com mais riqueza e detalhes

Aline Maciel aponta que,

Imaginar, criar uma imagem em sua mente, é coisa que todo ser humano faz. Uns mais, outros menos. Imaginar é um exercício constante que crianças e adultos fazem, mesmo sem perceber. Quando contamos uma história, buscamos esse encontro com as imagens diretamente com o público. Para imaginar, ouvir não basta. Ouvir é

uma atitude passiva. Quando conto histórias busco a audição junto com a atenção e o envolvimento de quem escuta. Imaginar é se envolver e para isso é preciso estar disposto. Tanto quem escuta como quem conta. Não há imaginação que se desenvolva se o contador não se preocupa com o envolvimento da público. Por isso é um exercício, um treino que deve ser buscado a todo momento. Dessa forma, contar histórias faz sentido.

O ponto salientado nas vozes dos contadores é que a narração de histórias anima a imaginação das crianças (ela vê o que lhe é dito). É um exercício que possibilita a fantasia metaforicamente falando “crie asas e voe”. É uma experiência de abertura ao novo, ao ato criador. É também um exercício da espera no movimento do narrado, da palavra dita.

#### **d) A CONSTITUIÇÃO DO SER CONTADOR(A) DE HISTÓRIAS**

Para Gilka Girardello é,

Gostar muito de ler literatura - todos os gêneros -, gostar de brincar, pra não ter medo, estar aberto a todas as oportunidades de aprender e experimentar com as linguagens da arte e da comunicação (a voz, os gestos, os ritmos e a música, o teatro, a dança, as artes plásticas, etc...), ter muita vontade de que as outras pessoas encontrem nas histórias tanto sentido quando a gente, e exercitar a humildade, sabendo que o importante são as histórias e o encontro humano que elas permitem, e não se os outros vão achar que a gente conta "bem" ou "mal", isso só atrapalha. Na verdade, todas as pessoas são contadoras de histórias, de um jeito ou do outro, já que a gente precisa compartilhar narrativamente o que nos acontece com os outros à nossa volta pra poder elaborar aquilo. E viver as experiências narradas pelos outros - especialmente aquelas narradas com arte pelos criadores literários - é também uma forma de explorar as coisas que nos acontecem, às vezes de um jeito ainda mais profundo.

Liliane Silva,

Acredito exatamente nisso... “Para contar histórias, a gente tem que se preparar. Mas antes eu pensava que essa preparação era apenas aprender técnicas, trabalhar com a minha voz tornando-a clara e expressiva, modulando-a de acordo com cada personagem (...). Agora estou descobrindo que existe uma outra preparação, muito importante. Antes de mais nada eu preciso aprender a recordar o que já sabia, mas não sabia que sabia. Isso quer dizer acordar e exercitar recursos internos, que eram vivos em mim quando eu era criança e me deixavam brincar” (Regina Machado, 2006, p.48).

Aline Maciel nos relata que,

É preciso ler, ouvir, contar histórias e se envolver. Além disso, pesquisar, aprimorar técnicas, organizar a atividade, promover a difusão da cultura, da leitura e da socialização entre os espectadores; conhecer o público, não utilizar as histórias apenas com sua função utilitária e, principalmente, gostar das histórias que conta e se divertir contando.

Os contadores com sua experiência de contar enfatizam entre muitos aspectos os que resumimos abaixo:

- a) Gostar de ler literatura - todos os gêneros;
- b) Gostar de brincar;
- c) Estar aberto a todas as oportunidades de aprender e experimentar com as linguagens da arte e da comunicação (a voz, os gestos, os ritmos e a música, o teatro, a dança, as artes plásticas, entre outros);
- d) Ter muita vontade de que as outras pessoas encontrem nas histórias sentido para ouvi-las;
- e) Exercitar a humildade, em que o importante são as histórias e o encontro humano que ela permite,
- f) Preparar-se tanto no sentido de aprimorar técnicas, organizar a atividade, mas, sobretudo, ir além da técnica;

Assim podemos dizer que o mais importante é buscar os elementos profundos do viver humano, no sentido de acordar e exercitar recursos internos, que eram vivos no tempo de criança e se deixar brincar. Como já foi em muitos momentos deste trabalho enfatizado que:

na verdade, todas as pessoas são contadoras de histórias, de um jeito ou do outro, já que a gente precisa compartilhar narrativamente o que nos acontece com os outros à nossa volta pra poder elaborar aquilo. E viver as experiências narradas pelos outros - especialmente aquelas narradas com arte pelos criadores literários - é também uma forma de explorar as coisas que nos acontecem, às vezes de um jeito ainda mais profundo. (Fala da Entrevista – Girardello).

#### **4. O PROFESSOR NARRADOR E AS CONTRIBUIÇÕES DA NARRAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA A EDUCAÇÃO**

Sabendo que cada contador se manifesta de um jeito, principalmente através do seu corpo, voz, emoção e intencionalidade, Sisto (2012) nos traz uma reflexão sobre a

narração de histórias como um meio de comunicação entre o contador e o ouvinte, uma forma de interação que só através da narração é capaz de atingir as pessoas, torna-se uma conversa trocada entre o contador, o ouvinte e a história que está sendo contada. Assim as palavras contadas passam a ter força e intenção, passam a ser mais do que simples palavras na boca de quem conta, tornam-se concretas, quem as ouve não apenas ouve, mas enxerga, cria, imagina.

Acreditando na importância da imaginação, da fantasia e do encantamento da narração de histórias para a formação pessoal da criança, é que propomos proporcionar esta arte milenar que se encontra adormecida no contexto de algumas de nossas instituições de educação, de forma a contribuir para o desenvolvimento integral dos pequenos. Dessa forma Maciel (2012) aborda que:

Por seus aspectos, artístico, dinâmico e lúdico, a contação de histórias na escola desperta o interesse de crianças (...). Todas essas razões motivam professores a trazerem a contação de histórias para a escola (...). No entanto, deve-se sempre ter em mente que a contação de histórias é primordialmente uma atividade cultural e artística, que se justifica em si mesma. (MACIEL, 2012, p. 14).

Neste sentido, podemos abordar a importância de apresentar a narração de histórias para as crianças como fonte de prazer, como incentivo à imaginação e à arte, mostrando que contar e ouvir histórias faz bem para todo e qualquer ser humano. O professor como contador de histórias, precisa criar espaços para contar histórias e dar espaço para que a criança possa também contar, recontar e inventar histórias, dando sentido e significados às experiências vivenciadas em seu cotidiano. É através do exercício da linguagem oral e da invenção que as crianças começam a se enxergar como autores de sua própria história e criadores de sentidos.

Neste sentido o educador precisa ter em mente que a narração de histórias precisa ser um momento prazeroso tanto para o contador quanto para as crianças e não um momento forçado e conseqüentemente sem significado. Com esse pensamento a autora Aline Maciel (2012) diz que:

A atenção dos ouvintes precisa ser conquistada e não imposta. Não há a necessidade de exigir silêncio absoluto do público antes de começar uma história. O contador, com uso de técnicas, deve cativar os espectadores. O público não deve se sentir obrigado a ouvir ou participar. (MACIEL, 2012, p. 15).

Dessa forma, podemos dizer que acima de tudo a experiência da narração histórias, precisa ser posta em prática nas instituições de educação infantil, de forma enriquecedora e significativa, pois além de ser uma atividade lúdica, amplia a imaginação e ajuda a criança a expor suas ideias e opiniões. O ver, sentir e ouvir são diretamente ligados a esta experiência de interação que ocorre entre quem conta e quem escuta. Nessa linha de pensamento Girardello (2009) destaca que:

a pessoa que conta e a que escuta uma história compartilham da mesma clareira imaginativa durante os minutos que dura a narração. Ainda que as imagens mentais sejam únicas para cada uma, entre elas vibra a centelha de um sentido comum. (Girardello, 2009, p.1).

Desta forma podemos compreender a relação da narração de histórias, como produção e formulação de novos significados. Como uma arte capaz de fazer com que as crianças se sintam parte do espetáculo e vivenciem em sua imaginação o que estão ouvindo ou contando.

Ouvir histórias, dessa maneira, é muito importante na formação humana, é iniciar um caminho de descobertas, é compreender e interpretar o mundo, expressando-se através dele. E é assim que as histórias, narradas com emoção e naturalidade, carregam uma magia capaz de gerar no ouvinte um potencial criativo, pois ele compreende o que está ouvindo e cria enquanto ouve. As histórias tem o poder de transformar a realidade, quando contadas de forma adequada. Por isso, pensamos que a contação de histórias precisa ser um exercício cotidiano nas escolas.

Muitas vezes enquanto contamos histórias para as crianças, elas estão fazendo relação com o que já conhecem, produzindo conhecimento e dando significado ao que ouvem. Assim podemos compreender que ao ouvir histórias, as crianças se deparam com algumas situações semelhantes com as que vivem e, podem, a partir disso, superar medos e angústias que, por vezes, vivenciam no seu cotidiano.

Sendo assim, com a prática da narração de histórias o professor estará dando possibilidades para a criança contar, inventar e recontar histórias, exercitando sua autoria, criatividade e imaginação a partir da oralidade. É nesse sentido que Sisto (1991, p. 44) aborda que, “contar histórias hoje significa salvar o mundo imaginário. Vivemos, em nosso tempo, o império das imagens, quase sempre gerais, reprodutoras e sem individualidade”.

As escolas precisam resgatar o hábito de contar histórias e o caminho desse resgate deve iniciar pelos professores, que serão inicialmente os contadores. A fala de Liliane Silva revela essa importância quando diz que:

Na "Roda de Histórias", inauguramos um outro espaço e tempo, muito diferente do espaço e tempo da escola em seu cotidiano, em que a correria e os atropelos não nos possibilitam uma troca de olhar, um gesto de aconchego, um sorriso acolhedor. Na "Roda de Histórias", nos damos conta que tudo é possível, e quando voltamos para sala de aula temos mais criatividade, persistência, condições de enfrentar os desafios. (fala na entrevista – em anexo).

A contação de histórias contribui muito para o desenvolvimento do pensamento e da imaginação das crianças. Cada história narrada enriquece o imaginário infantil e possibilita pensamentos mais complexos, afinal:

sonhamos através de narrativas, devaneamos através de narrativas, lembramos, desejamos, esperamos, desesperamo-nos, acreditamos, duvidamos, planejamos, revisamos, criticamos, construímos, passamos boatos adiante, aprendemos, odiamos e vivemos através de narrativas” (Hardy 1968, p. 5; trad. nossa).

Podemos dizer que em cada professor existe um contador de histórias, ele apenas precisa aprimorá-lo sempre. Nessa linha de pensamento, Maciel (2012) destaca que:

Em nosso dia a dia narramos fatos, organizamos memórias, sonhamos, inventamos, contamos histórias. Os professores, mais ainda, estão sempre em contato com o público, falando em público, o que lhes permite desenvoltura na hora de contar histórias. E outras palavras todos temos habilidades para a narração. No entanto para quem quer ser contador de histórias é preciso desenvolver essas habilidades, conhecer e dominar algumas técnicas, com estudo, treino e amor pelo que faz. (MACIEL, 2012, p. 14 e 15).

Sendo assim, o professor deve considerar a narração de histórias como um ato fundamental, pois é uma forma de incorporar a arte à vida, e trazer essa arte para o cotidiano das crianças é, portanto, ajudá-las a significar, a partir da imaginação, os momentos de vivência dentro e fora da instituição escolar, é apresentar a narrativa como fonte de criatividade.

Porém, narrar histórias não é uma tarefa fácil. Sisto (2004) explica que fazer nascer uma história não é uma tarefa fácil ou simples. É uma atividade que depende

tanto do narrador quanto dos ouvintes. O nascimento de uma história precisa estar cercado de cuidados, os quais garantirão o sucesso do contador de histórias: o local deve ser apropriado; o momento deve ser exato; os gestos e movimentos que exigem uma enorme precisão precisam ser bem elaborados; a escolha adequada das palavras que desenham um “mundo novo”; a voz deve cativar o ouvinte, convidando-o à proximidade; o olhar do contador deve acolher a plateia, principalmente com crianças, isso faz com que elas fiquem mais atentas.

Com esse mesmo encantamento, Sisto (2012) aborda sobre a importância de despertar a imaginação e a criatividade dos ouvintes a partir da narração de uma história. Para que estes possam viver uma experiência imaginária da história contada, criando o cenário, os personagens e tudo o que imaginarem através da voz do contador. Ele diz que o mais importante ao se contar uma história é que:

todos saiam satisfeitos, com a sensação de que a criação da beleza pode se dar em palavras, com a força de quem refaz o mundo no espírito, no mistério, no humor, na maravilha e depois abre a porta para o insuspeitado (SISTO, 2012, p. 24).

Para compreendermos melhor o significado da narração de histórias nas escolas, Girardello (2011) nos trás uma maravilhosa metáfora:

Os momentos em que se contam histórias nas salas de aula são como clareiras num bosque. Suponhamos um pouco mais: em meio ao zum-zum das crianças forma-se um círculo, no fundo da sala, em cima de um tapete ou de almofadas de algodão que passaram a manhã tomando sol no beiral da janela. Com olhos arregalados e risadinhas, as crianças aconchegam-se e escutam a voz da moça de jeans ou de vestido floreado – a professora. Entram na história que ela conta, quase fecham os olhos, feito estátuas. Mas ao contrário do que parece, elas não estão nem um pouquinho paradas: cavalgam num corcel veloz, ocupadíssimas com aventuras muito longe dali. (GIRARDELLO, 2011, p. 83).

A autora ainda aponta que um ponto de partida para a criação de uma “clareira” é a forma que a professora se prepara para contar a história. Ela precisa, enquanto conta, também imaginar o que está falando e enxergar os detalhes de cada cena e a aparência de cada personagem. São pequenos detalhes, que fazem toda a diferença na hora de narrar uma história, porque ajudam as crianças a construir o cenário e os personagens da narração, e auxiliam a professora a ter confiança na história que está contando.

Girardello (2014) nos traz, mais uma vez, metaforicamente em suas palavras, que cada criança na sala de aula é como um bosque cheio de imensas possibilidades criadoras. E assim diz que a experiência de contar e ouvir histórias age como:

uma pequena clareira no bosque onde se vê a luz das estrelas, onde as crianças podem exercitar de forma especial seus poderes de enxergar longe, além do que a vista alcança. Longe em anos-luz e longe no tempo, desde o passado mítico ao futuro intergaláctico. (GIRARDELLO, 2014, p. 10).

Assim, através do que foi dito, podemos perceber e compreender que a imaginação da criança é uma forma de enxergar além do que está posto, é sentir além da experiência do toque. E ao trazer a narração de histórias para dentro de sala de aula o professor está possibilitando vivências através da narrativa e proporcionando essas experiências para as crianças de forma a contribuir favoravelmente com o seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e imaginativo.

Embora nosso objeto de estudo não tenha sido a narração de histórias nas diferentes formas de linguagem. Constatamos, mesmo que sutilmente – ora pela literatura, ora pela voz do contador de histórias que a narrativa nas outras formas de linguagem (cinema, narrativas literárias, teatro, dança) também é uma experiência que precisa ser considerada, pois são experiências também de histórias “contadas” que formam também o ser humano nos mais diversos aspectos (estético, ético, político) e que podem ser oferecida as crianças desde bebê. Esta é um outra possibilidade de pesquisa e estudos futuros.

Dessa forma, Debus (2003) aborda que:

Talvez porque a literatura seja uma arte que tenha seu suporte material legitimado pela/na escrita e a sua fruição se dê pela leitura desse código, a sua prática é pouco refletida na Educação Infantil. (DEBUS, 2003, p. 230).

Dessa forma, a autora discorre em seu texto, destacando que a literatura é vista na educação infantil, apenas como uma possibilidade de alfabetização, principalmente junto às crianças de pré-escola ou os professores acabam se restringindo à atividade de contar histórias, muito mais vinculada à oralidade do que com o texto literário. Entendendo a importância de narrar histórias sendo de textos literários ou da tradição oral, podemos trazer a fala da professora Liliane Silva, ao salientar que quando vai

selecionar os livros para contar histórias, percebe que prefere conta-las sem livro ou com livros sem ilustração, pois diz que:

isso possibilita cada criança criar os seus personagens, heróis, reis, rainhas, princesas, lugares, castelos, florestas, de acordo com sua vontade, criatividade e experiência. (Fala da Entrevista – anexo).

Neste sentido, Girardello (2014) nos traz em suas belas palavras, um exemplo que ocorre diariamente com quem conta histórias para crianças:

“Hoje, quero uma de livro” ou “Conta uma de cabeça”. Desde cedo, as crianças percebem que certas histórias funcionam melhor no improviso, quando o adulto mergulha tão fundo quanto elas na fantasia. E outras, ao contrário, dependem da cadência hipnótica da leitura, do ritmo preciso das palavras do autor, nessa experiência forte que é o primeiro encontro com o prazer do texto. (GIRARDELLO, 2014, p. 11).

E para finalizar trazemos o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) (BRASIL, 1998) onde diz que é através das instituições de educação infantil que se abrem ambientes propícios para a criança desenvolver-se integralmente. Sendo assim, a escola é vista como ambiente de socialização e desenvolvimento, e não apenas como lugar de aprendizagem sistematizada. Considerando os aspectos artísticos, imaginativos e pedagógicos que a contação de histórias pode oferecer às crianças, podemos dizer que ela está no centro das informações necessárias para as crianças da educação infantil. Analisando as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009), podemos ver que esse documento nos norteia ao pensar uma prática que prime as experiências da criança. O Art. 4 afirma que as propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança:

é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (DCNEI, 2009, p. 1).

A partir desses referenciais, podemos compreender que a criança, necessita de um bom ambiente escolar para o seu desenvolvimento integral, um ambiente que possibilite-a viver plenamente sua infância, podendo brincar, imaginar, aprender e

experimental, dessa forma entendemos que a narração oral de histórias tem muito a acrescentar no ambiente escolar, pois pode proporcionar todas essas vivências para as crianças de forma a contribuir com suas relações e interações dentro e fora da instituição de educação.

Com essa perspectiva trazemos mais um referencial teórico que confirma a necessidade da oralidade na escola, que são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) da Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental, onde diz que:

Expressar-se oralmente é algo que requer confiança em si mesmo. Isso se conquista em ambientes favoráveis à manifestação do que se pensa, do que se sente, do que se é. Assim, o desenvolvimento da capacidade de expressão oral do aluno depende consideravelmente de a escola constituir-se num ambiente que respeite e acolha a vez e a voz, a diferença e a diversidade. Mas, sobretudo, depende de a escola ensinar-lhe os usos da língua adequados a diferentes situações comunicativas. (BRASIL, 1998, p. 38).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da escolha do tema e ao início do estudo, acreditamos que fomos presenteados com uma espécie de luz interna que iluminou e transformou o nosso olhar, uma luz que fez com que conseguíssemos enxergar nas nuvens as princesas e os dragões que ninguém mais tinha tempo para prestar atenção, mas que sempre estiveram ali. Assim seguimos trilhando um caminho de aprendizado, questionamentos e conhecimento, juntamente com um sentimento de curiosidade e encantamento, que nos trouxeram sensibilidade e força para continuar. Agora, ao olharmos para essa pesquisa, podemos compreender o que é escrever e refletir sobre um assunto que nos encanta e nos leva a compreensões sobre o mundo das crianças, estas que acreditamos que devem ter todo o tempo e as possibilidades do mundo para criar e imaginar.

Através de nossas experiências, dos estudos e da pesquisa realizada, nos convém dizer que a valorização da narração de histórias para crianças de todas as idades e especificamente na educação infantil fortalece o trabalho do professor e possibilita às crianças um desenvolvimento mais completo, pois na maioria das vezes é apenas na instituição de educação que elas têm contato com histórias narradas que lhes ajudam a perceber a ludicidade das palavras, a expressar-se diante dos outros e a imaginar podendo criar e recriar novos textos.

Também, cabe destacar a importância do professor como mediador e contador de histórias. Com o papel de estimulador da escuta e da fala, e conseqüentemente da autoria, o educador, deve proporcionar às crianças experiências que instiguem a imaginação que tragam imagens novas para enriquecer seu imaginário, podendo trazer sentido à vida delas, tanto em seu tempo de infância como futuramente.

Podemos afirmar que ao levarmos a narração de histórias para dentro da escola, estaremos educando para a sensibilidade do ser humano, favorecendo o desenvolvimento das capacidades de cada sujeito de forma prazerosa. Pois, valorizar, na escola, a narração como uma experiência de interação, imaginação e criação, é oportunizar momentos para que a criança se expresse não só oralmente, mas que tenha uma experiência de linguagem (escuta e fala) e que acima de tudo imagine e crie, reconhecendo-se como um ser humano que faz a diferença, pois percebe o mundo com olhos mais sensíveis e criativos.

A Narração de histórias para as crianças de todas as idades é uma possibilidade de ampliação de seu repertório artístico, de que o narrador se faça de fato presente em cada um que experimenta e compartilha essa experiência vivida.

## REFERÊNCIAS

BELLO, Sergio. **Quem conta um conto...a narração de histórias na escola e suas implicações pedagógicas.** Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2004.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 7. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua portuguesa /** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : 1999.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CHAGAS, Lilane Maria de Moura. **A língua materna na primeira série do ensino fundamental: as narrativas como uma fonte da imaginação criadora.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DEBUS, Eliane. **A leitura literária na educação infantil: Festaria de Brincança.** A Criança, a Língua e o Texto Literário: Da investigação às práticas. Actas do I Encontro Internacional. Braga: Universidade do Minho- Instituto de Estudos da Criança, (pp. 225-244). 2003.

FLECK, Felícia de Oliveira. **A profissionalização do contador de histórias contemporâneo.** 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Informação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

FOX, G.; GIRARDELLO, G. **A narração de histórias na sala de aula.** In: GIRARDELO, G. (org). Baú e chaves da contação de histórias. Florianópolis: Sesc-SC, 2004. p. 116 - 151. (Coleção Mil Bocas).

GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação: arte e ciência na infância.** Revista Pro-Posições (UNICAMP), v. 22, n.02, 2011.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque: contar histórias na escola.** Campinas, SP: Papirus, 2014.

GIRARDELLO, Gilka. **Infância: Imaginação e educação em debate/Celdon Fritzen. Gladir da Silva Cabral (orgs.).** – Campinas, SP: Papirus, 2007. – (Coleção Ágere).

HARDY, Barbara. (1968). **“Towards a poetics of fiction: An approach through narrative”.** Novel: A Forum on Fiction. 1 (2), pp. 5-14.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias/ Regina Machado.** – São Paulo : DCL. 2004.

MACIEL, Aline. **Cada um conta de um jeito.** Florianópolis: Do autor, 2012.

MATOS, Gislayne Avelar. **A Palavra do Contador de Histórias.** São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SISTO, Celso. **Contar histórias, uma arte maior.** In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes & MORAES, Taiza Mara Rauen (orgs.). Memorial do Proler: Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem. Joinville, UNIVILLE, 1991.

SISTO, Celso. **Textos e Pretextos sobre a arte de contar histórias.** Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SISTO, Celso. **O misterioso momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê).** In: GIRARDELO, Gilka (org.). Baús e chaves da narração de histórias. Florianópolis: SESC-SC, 2004. p. 82-93.

UMBELINO, Janaina Damasco. **A narração de histórias no espaço escolar: a experiência do Pró-Leitura.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

VIGOTSKI, Lev. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico.** Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

## ANEXOS

QUADRO 1: Sistematização das entrevistas com as contadoras de histórias

PERGUNTA/RESPOSTA	GILKA GIRARDELLO
Qual a importância de contar e ouvir histórias para você?	A importância é absoluta, não consigo imaginar minha vida sem ler, ouvir e contar histórias. As histórias são viagens, são uma coisa que amplia a vida da gente. Adoro ouvir outras pessoas contando, inclusive pessoas que apenas contam coisas que lhes aconteceram, experiências reais, só para sentir com elas as emoções que elas estão compartilhando. É como uma carona que a gente pega na experiência do outro, que acaba virando uma experiência para a gente também, que amplia o nosso mundo. Não vivo sem literatura de ficção, sem cinema de ficção, sou viciada em histórias desde que era criança bem pequena. E é claro que me encanto especialmente por ouvir histórias contadas oralmente por pessoas que têm o cuidado estético, com a poesia da linguagem. Acho fantástico ver o quanto se pode conseguir de efeito expressivo só com os recursos minimalistas da voz, do gesto, do olhar. E contar histórias é só um outro jeito de percorrer as paisagens de um conto que se ama, com a emoção especial de percorrê-las junto com os outros, sejam adultos ou crianças.

<p>Como é a sua experiência em contar histórias para crianças?</p>	<p>É muito lúdica. Gosto de brincar com as crianças, acho que brincar é das melhores coisas da vida. E contar histórias pra crianças é um jeito de brincar com elas, de fazer passarinhos saírem da cartola pra elas verem, de jogar uma bola pra elas pegarem e jogarem de volta, e vê-las rir, arregalar os olhos de espanto, gritar de surpresa. O que mais me interessa no encontro narrativo com as crianças é o componente de jogo, de abertura para o inesperado, para a alegria tão plena que as crianças trazem para esse jogo. Contar para crianças é o melhor exercício pra se ficar presente, perto do frescor de uma história e da verdade do contar, já que elas só ficam atentas se a gente estiver totalmente entregue ao jogo e se a história tiver alguma coisa de especial - seja sua graça, seu ritmo, a força das suas imagens, de duas emoções, a engenhosidade e a surpresa de seu enredo ou a profundidade dos dilemas que ela traz e que as crianças captam perfeitamente.</p>
<p>De que forma você acha que a narração de histórias pode contribuir para o desenvolvimento do imaginário das crianças?</p>	<p>Contar histórias é uma das melhores formas de animar a imaginação das crianças, de ajudá-las a exercitar as asas da fantasia delas, a sua abertura às coisas novas, à flexibilidade da sua capacidade de criar hipóteses, de aguardar curiosas o que virá. O exercício de ver um dragão alado soltar fogo pela boca, ou uma menina escorregar no arco-íris, só por ouvir alguém dizer essas palavras, é parecido com o de imaginar as cenas de uma história que se lê. Assim, as narrativas orais são irmãs das narrativas literárias que estão nos livros, uma dá força à outra e as duas vivem do poder da capacidade de imaginar a partir das palavras, que é uma das maravilhas da condição humana.</p>
<p>O que é preciso ter/fazer para ser contador(a) de histórias?</p>	<p>Gostar muito de ler literatura - todos os gêneros -, gostar de brincar, pra não ter medo, estar aberto a todas as oportunidades de aprender e experimentar com as linguagens da arte e da comunicação (a voz, os gestos, os ritmos e a música, o teatro, a dança, as artes plásticas, etc...), ter muita vontade de que as outras pessoas encontrem nas histórias tanto sentido quando a gente, e exercitar a humildade, sabendo que o importante são as histórias e o encontro humano que elas permitem, e não se os outros vão achar que a gente conta "bem" ou "mal", isso só atrapalha. Na verdade, todas as pessoas são contadoras de histórias, de um jeito ou do outro, já que a gente precisa compartilhar narrativamente o que nos acontece com os outros à nossa volta pra poder elaborar aquilo. E viver as experiências narradas pelos outros - especialmente aquelas narradas com arte pelos criadores literários - é também uma forma de explorar as coisas que nos acontecem, às vezes de um jeito ainda mais profundo.</p>

<p>PERGUNTA/RESPOSTA</p>	<p>LILIANE ALVES DA SILVA</p>
--------------------------	-------------------------------

Qual a importância de contar e ouvir histórias para você?	No contexto em que conto histórias, a Escola, observei durante meu percurso como contadora que, com essa prática, é possível, junto à criança, enriquecer sua expressão oral e escrita, desenvolver seu interesse pela leitura, sua criatividade, sua capacidade e riqueza imaginativa. Bem como ampliar seu repertório de vocabulário e possibilitar o contato com outras culturas e diferentes concepções de mundo. Além disso, observei que os vínculos construídos a partir da "Roda de Histórias", espaço construído para ouvir e contar histórias, nos permite uma relação mais próxima, afetiva e humana. O que contribui para o processo educativo. A configuração deste espaço, que envolve cinco turmas e cinco professoras, potencializa a interação entre os professores, constituindo-se como espaço de formação e trocas. Aos poucos o grupo de adultos e crianças que contam histórias foi se ampliando, pois todos sentem-se seduzidos à embarcarem na aventura da narração oral.
Como é a sua experiência em contar histórias para crianças?	É um momento em que me entrego completamente. A troca que acontece, entre eu e as crianças quando conto histórias, me fortalece e me impulsiona para continuar contando. Na "Roda de Histórias", inauguramos um outro espaço e tempo, muito diferente do espaço e tempo da escola em seu cotidiano, em que a correria e os atropelos não nos possibilitam uma troca de olhar, um gesto de aconchego, um sorriso acolhedor. Na "Roda de Histórias", nos damos conta que tudo é possível, e quando voltamos para sala de aula temos mais criatividade, persistência, condições de enfrentar os desafios.
De que forma você acha que a narração de histórias pode contribuir para o desenvolvimento do imaginário das crianças?	Para mim a contação de histórias estimula a imaginação, possibilita à criança conhecer outros lugares, personagens e mundos. Ao ouvir uma história ela pode ser transportada para um mundo de fantasias onde tudo é possível. Quanto mais isso for exercitado, mais condições e facilidade ela terá para criar imagens, a partir do que está sendo narrado. Por isso sempre prefiro as histórias sem livro ou ilustração, isso possibilita cada criança criar os seus personagens, heróis, reis, rainhas, princesas, lugares, castelos, florestas, de acordo com sua vontade, criatividade e experiência... Quanto mais ouvir histórias, e é claro que falo aqui das histórias que não entregam tudo pronto para a criança, mais ela desenvolve habilidades cognitivas que facilitam o ato de criar, mais ela vai adquirindo a habilidade de viajar por um mundo criado pela sua imaginação, guiada pela voz do contador. Acredito que a diversidade de histórias ampliam seu repertório possibilitando uma construção narrativa com mais riqueza e detalhes.
O que é preciso ter/fazer para ser contador(a) de histórias?	Acredito exatamente nisso... "Para contar histórias, a gente tem que se preparar. Mas antes eu pensava que essa preparação era apenas aprender técnicas, trabalhar com a minha voz tornando-a clara e expressiva, modulando-a de acordo com cada personagem (...). Agora estou descobrindo que existe uma outra preparação, muito importante. Antes de mais nada eu preciso aprender a recordar o que já sabia, mas não sabia que sabia. Isso quer dizer acordar e exercitar recursos internos, que eram vivos em mim quando eu era criança e me deixavam brincar" (Regina Machado, 2006, p.48).

PERGUNTA/RESPOSTA	ALINE MACIEL
Qual a importância de contar e ouvir histórias para você?	Contar histórias é uma atividade artística e lúdica destinada aos públicos de todas as idades. A história contada desenvolve a imaginação, a atenção e o raciocínio, desperta o interesse pela literatura, promove a socialização e os sorrisos. A contação de histórias não deve ter a pretensão de ensinar ou formar as crianças. Deve ser uma diversão, tanto para quem conta quanto para quem ouve.

<p>Como é a sua experiência em contar histórias para crianças?</p>	<p>Contar histórias para crianças é sempre muito prazeroso. Elas são curiosas, atentas e sinceras. Cada apresentação é uma experiência diferente, pois varia muito de acordo com o ambiente e com o público pois as crianças se comportam de maneiras distintas. Com os pais ou professores; em um ambiente desconhecido ou não; em ambientes abertos ou fechados; se estão no mesmo espaço com crianças de sua faixa etária ou de faixas-etárias diferentes; se costumam ouvir histórias, etc. Tudo isso nós levamos em consideração e procuramos saber antes de iniciar e preparar a apresentação.</p>
<p>De que forma você acha que a narração de histórias pode contribuir para o desenvolvimento do imaginário das crianças?</p>	<p>Imaginar, criar uma imagem em sua mente, é coisa que todo ser humano faz. Uns mais, outros menos. Imaginar é um exercício constante que crianças e adultos fazem, mesmo sem perceber. Quando contamos uma história, buscamos esse encontro com as imagens diretamente com o público. Para imaginar, ouvir não basta. Ouvir é uma atitude passiva. Quando conto histórias busco a audição junto com a atenção e o envolvimento de quem escuta. Imaginar é se envolver e para isso é preciso estar disposto. Tanto quem escuta como quem conta. Não há imaginação que se desenvolva se o contador não se preocupa com o envolvimento da público. Por isso é um exercício, um treino que deve ser buscado a todo momento. Dessa forma, contar histórias faz sentido.</p>
<p>O que é preciso ter/fazer para ser contador(a) de histórias?</p>	<p>É preciso ler, ouvir, contar histórias e se envolver. Além disso, pesquisar, aprimorar técnicas, organizar a atividade, promover a difusão da cultura, da leitura e da socialização entre os espectadores; conhecer o público, não utilizar as histórias apenas com sua função utilitária e, principalmente, gostar das histórias que conta e se divertir contando.</p>